

## **ESTUDOS HISTÓRICO-EPITEMOLÓGICOS EM PSICANÁLISE: POSSIBILIDADES DE PESQUISA**

Juliana Araújo Ferreira\*  
Jorge Luís Ferreira Abrão

O presente trabalho pretende apresentar a abordagem histórico-epistemológica como uma possibilidade metodológica de pesquisa em psicanálise. A psicanálise se caracteriza por uma série de peculiaridades que devem ser levadas em consideração ao se estudar seu vasto corpo teórico. Antes que se apresente a abordagem metodológica em questão, buscou-se situar o leitor em algumas das vicissitudes com que se depararam os escritos psicanalíticos, sua propagação e seus desdobramentos ao longo dos seus mais de cem anos de existência.

Um dos fatores de grande relevância em qualquer estudo de natureza teórica em psicanálise é a necessidade de conhecer e compreender a história pessoal dos autores e sua influência nas obras, sendo posteriormente complementado pela, não menos relevante, experiência clínica (Abrão, 2002).

Outro fator determinante para o adequado entendimento de determinada produção teórica são os aspectos culturais envolvidos em sua constituição. A despeito de certa tendência de muitos analistas se pretenderem a-históricos (Mezan, 2002), a psicanálise não pode se posicionar como se estivesse isenta de influências externas: históricas e culturais.

A difusão e dispersão psicanalítica a partir de sua origem em Freud já sofreu inúmeras leituras e releituras. Assim como vários historiadores levaram conhecimentos imparciais e esclarecedores a uma vasta camada *psi* ao redor de mundo, tantos outros foram os responsáveis por desserviços significativos relacionados à obra do mestre da Psicanálise e seus seguidores (Roudinesco, 2000). Partindo, portanto, do marco zero freudiano, o que se encontra é uma diáspora que, no início, apresenta o pensamento psicanalítico a vários países, especialmente Estados Unidos, Inglaterra e, um pouco mais tarde, França. (Roudinesco, 2000). A expansão geográfica do pós-guerra apresentou, portanto, a psicanálise a várias culturas diferentes. Isso, evidentemente, foi responsável por profundas alterações tanto nos aspectos teóricos quanto técnicos. “O ‘movimento’ psicanalítico conheceu uma história longa e tormentosa, criaram-se grupos de analistas em numerosos países, onde a diversidade dos fatores culturais não podia deixar de repercutir nas próprias concepções.” (Laplanche e Pontalis, 2004, p. IX).

Outra característica inerente ao estudo da psicanálise apontada por Mezan (2002) é “o poder da transferência” (p.11), que pode levar a “paixões exacerbadas, de assimilação fragmentada e parcial dos conhecimentos específicos e de crença fanática na veracidade das proposições enunciadas pelo “mestre”, seja ele de que escola for (p.15).

A literatura psicanalítica brasileira caracterizou-se por ser, ao longo de sua constituição, amplamente baseada num modelo de importação de modelos prontos (Mezan, 2002), levando a uma visão fragmentada da obra de diversos autores, resultando em uma compreensão parcial e a-histórica de seus sistemas conceituais. Segundo Mezan (2002), “um dos determinantes da cultura psicanalítica brasileira é que, entre nós, a psicanálise é uma planta exótica, importada dos centros culturais hegemônicos.” (p.8).

Tal dinâmica leva a outro problema: a tradução das obras “mais importantes” (Mezan, 2002, p.11) de um determinado autor em detrimento do conjunto de sua obra. Segundo Mezan, tudo se passa como se as ideias já tivessem sido elaboradas desde o princípio, uma “crença no parto virginal das ideias” (Mezan, 2002, p.16), sem referências prévias, assimilações, abandonos de ideias e transformações, resultando em uma leitura parcial das obras, com um viés a-histórico que, inevitavelmente, incorreria em erro de compreensão global do sistema conceitual estudado.

A tradução de psicanálise, por si só, já delimita um amplo espectro de dificuldades a serem superadas, como bem apontam Haber, Bilenky, Wahrhaftig e Kon (1982): “Sabemos (...) do impacto emocional que cada palavra produz em nós. A palavra é objeto de uma apreensão tanto intelectual quanto emocional. Se isso é válido para todo texto, para o texto psicanalítico ganha especial relevância.” (p.216).

Embora fonte de grandes dificuldades, a tradução psicanalítica deverá sempre ser objeto de preocupação por todos os interessados no conjunto das obras, “já que o texto traduzido é elemento central da transmissão de psicanálise entre nós: as opções dos editores e tradutores por textos, palavras e pressupostos ideológicos refletem-se em nossa prática cotidiana e na produção local de psicanálise.” (Haber et al., p.218).

Com base no que foi previamente apresentado a respeito das peculiaridades relativas ao estudo de psicanálise, apresentaremos a seguir a abordagem histórico-epistemológica propriamente dita.

Um estudo histórico-epistemológico consiste na sistematização das principais ideias de um determinado autor (ou grupo de autores) ao longo dos anos em que se realizou a sua produção teórica. Objetiva-se, com isso, rastrear a gênese e evolução dos conceitos-chave de

uma obra ou conjunto de obras afins, desde sua concepção às formulações finais. A realização de tais pesquisas tem como objetivo ampliar a difusão do pensamento psicanalítico a fim de que o estudo das teorias possa ser realizado de forma sistemática e imparcial. Busca-se, desta forma, minimizar os efeitos de filiações passionais, leituras fragmentadas, distorções de tradução (assim como traduções parciais do conjunto da obra), entre outros fatores que, por décadas, obscureceram a compreensão de uma série de conceitos psicanalíticos fundamentais.

Segundo Mezan (2002), “(...) o objeto da análise epistemológica não é o processo psíquico, mas o sistema de proposições e noções que visa dar contas desses processos” (p.55), ou seja, busca-se contextualizar a criação dos conceitos criados como forma de explicar determinados processos psíquicos e não os processos em si.

Para que tais análises sejam feitas, faz-se necessário realizar, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica para que toda a produção seja rastreada no idioma original em que foi produzida. Como materiais auxiliares e complementares, pode-se utilizar as comunicações pessoais de psicanalistas que travaram contato direto ou indireto com o autor estudado, supervisionandos, traduções locais quando houver (para avaliação das divergências de tradução), obras de outros autores que sejam de reconhecida relevância por sua influência na obra estudada, biografias oficiais e não-oficiais, livros de história tanto geral quanto psicanalítica, participações em Congressos, transcrições de entrevista e qualquer outro material que possa ser elucidativo acerca da obra estudada.

Depois de reunido todo o material, segue-se um processo de leitura e análise minuciosa e contextualizada das obras a fim de identificar sua evolução, destacar as principais influências teóricas e avaliar se suas principais contribuições, modificações e transformações decorrem primordialmente da experiência clínica ou se é determinada por múltiplos fatores, como o contato com outros profissionais e acesso a teorias metapsicológicas de outros teóricos estudiosos do tema. Buscam-se os embriões teóricos, a primeira vez que determinada ideia surge na obra, ainda que não consolidada como conceito oficial. Busca-se um reconhecimento da obra que possa estar, à medida do possível, isenta de paixões exacerbadas e dogmatismos (Mezan, 2002) e que permitam um estudo sistematizado e detalhado do desenvolvimento histórico do pensamento de um determinado autor.

Em *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis (1982) falam a respeito da busca das origens dos conceitos e suas principais fases de evolução:

Tal demanda das origens não tem, em nosso entender, um interesse de simples erudição: é impressionante ver os conceitos fundamentais esclarecerem-se, reencontrarem as suas arestas vivas, os seus contornos, as suas recíprocas articulações, quando os confrontamos de novo com as experiências que lhes deram origem, com os problemas que demarcaram e infletiram a sua evolução. (p. X)

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma série de fatores intrínsecos ao estudo da historiografia psicanalítica que justifique a realização de estudos histórico-epistemológicos em psicanálise. A falta de compreensão da evolução conceitual de um autor (ou grupo de autores) levou a radicalismos e equívocos teóricos que, à luz de uma leitura epistemológica podem ser esclarecidos e melhor utilizados tanto na prática clínica, quanto na execução de pesquisas acadêmicas. Almeja-se, desta forma, preencher uma lacuna na literatura psicanalítica brasileira que, em decorrência de uma série de fatores, tem sido levada a uma visão fragmentada da obra de diversos autores, resultando em uma compreensão parcial e a-histórica de seus sistemas conceituais.

Estudos desta natureza, teóricos e conceituais, não pretendem dar conta da complexidade do aprendizado psicanalítico, que se apoiam na tríade: análise pessoal, teoria e supervisão de casos clínicos - atividades indissociáveis e complementares. Embora não se possa prescindir da leitura dos textos originais, este tipo de pesquisa em psicanálise possibilita uma aproximação teórica inicial a um determinado autor, oferecendo uma apresentação de sua obra e acompanhando as variações e transformações dos conceitos à medida que estes se ampliavam e transformavam, assim como buscando as influências que foram subjacentes a estas modificações. Tais estudos permitem, ainda, que se estabeleçam diretrizes de estudo dentro da obra, sem que seja necessária a leitura de sua produção completa, muitas vezes inviável pelo extenso volume produzido, pela dificuldade de acesso a determinados textos e, para alguns, dificuldades inerentes à tradução.

### **Referências**

Abrão, J. L. F. (2004). *A tradição kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Barros, E.L.R., & Barros, E.M.R. (1991). O a-Historicismo Deformante na Difusão do Pensamento Kleiniano. In J.-M. Petot, *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Barros, E.M.R. (1988). O pensamento de Melanie Klein e da Escola Kleiniana: A Contribuição de Jean-Michel Petot. In J.-M. Petot, *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Haber, B.P., Bilenky, M.K., Wahrhaftig M. L., & Kon, N.M. Aparte das tradutoras. (1991). In J.-M. Petot, *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Laplanche, J. & Pontalis, P. (1982). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Mezan, R. (2002). *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*. 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mezan, R. (1991). Visitando a velha senhora. In J.-M. Petot, *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Petot, J.-M. (1982). *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Petot, J.-M. (1979). *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.